

**UM ACENO DA SOCIOLOGIA DO
GOSTO**
Contribuições dos estudos sobre as práticas
e preferências culturais para as ciências
sociais



A nod from the sociology of taste: contributions of studies
on cultural practices and preferences to the social sciences

Jéssica Ronconi

Universidade Federal de São Paulo | École des Hautes Études en Sciences Sociales
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais | Centre Européen de Sociologie et de
Science Politique

São Paulo, Brasil | Paris, França

jessica.ronconi.fernandes@gmail.com | ORCID iD: 0000-0001-7487-477X

PULICI, Carolina; FERNANDES, Dmitri. 2019. *As lógicas sociais do
gosto*. São Paulo: Unifesp.



Resumo

Esta resenha tem como objetivo apresentar algumas das contribuições de *As lógicas sociais do gosto* (2019), coletânea organizada por Carolina Pulici e Dmitri Fernandes, para as ciências sociais. Dividido em oito capítulos, o livro busca analisar os subentendidos sociais do gosto em diversos universos culturais. Para tanto, os autores lançam mão de diversos métodos qualitativos e quantitativos, como a realização de entrevistas e de grupos focais, a aplicação de questionários, análise de dados secundários, de fontes documentais etc. Atentos às mudanças e às permanências que orientam as hierarquias culturais e a estrutura social dos espaços empíricos analisados, os autores demonstram correlações pertinentes entre a posição social dos indivíduos e suas disposições e preferências culturais. Ademais, o livro interessa às ciências sociais visto que explora uma ampla variedade de temáticas contemporâneas, por exemplo, o peso da internacionalização e da economia em espaços culturais nacionais.

Palavras-chave

preferências culturais; sociologia do gosto; hierarquias culturais; teoria das homologias.

Abstract

This review presents the contributions of *As lógicas sociais do gosto* (2019) to social sciences. The book, edited by Carolina Pulici and Dmitri Fernandes, is divided into eight chapters and aims to analyze the social logics of taste in several cultural universes. To do so, the authors rely on several qualitative and quantitative methods, such as interviews and focus groups, questionnaires, secondary data analysis, documental sources, etc. Paying attention to the changes and continuities that shape cultural hierarchies and the social structure of the social spaces examined, the authors demonstrate pertinent correlations between the social position of individuals and their cultural dispositions and preferences. Moreover, the book is of interest to the social sciences as it explores a wide variety of contemporary themes, for example, the influence of internationalization processes and economics in national cultural spaces.

Keywords

cultural preferences; sociology of taste; cultural hierarchies; theory of homologies.

A coletânea organizada por Carolina Pulici e Dmitri Fernandes reúne estudos contemporâneos sobre as condições sociais de formação do gosto levando em conta as hierarquias sociais subjacentes às práticas e preferências culturais dos indivíduos. Através de pesquisas empíricas em terreno brasileiro principalmente, mas também francês, esta coletânea coloca em questão a tese do ecletismo cultural – segundo a qual o gosto já não seria um elemento de distinção social uma vez que as elites teriam se apropriado de bens culturais associados às classes médias e baixas. Inspirados pelos estudos desenvolvidos por Pierre Bourdieu, notadamente em *A distinção: crítica social do julgamento* (1979 [2008]), os autores demonstram a pertinência e atualidade das correlações entre a posição social dos agentes e suas disposições culturais, sem perder de vista as transformações sociais contemporâneas dos campos empíricos analisados. Dessa forma, a coletânea tem como objetivo revelar os subentendidos sociais das preferências culturais, ou simplesmente, *as lógicas sociais do gosto*.

Distribuído em oito capítulos, reunidos em três partes, o livro percorre diversos espaços culturais. A primeira parte, composta de quatro capítulos, explora aqueles que tradicionalmente dispõem de maior legitimidade cultural: a gastronomia, a arquitetura, a música e as artes plásticas. A segunda parte, por sua vez, traz dois capítulos que discutem os espaços culturais historicamente considerados menos legítimos, como a televisão e o teatro. Por fim, a última parte da coletânea dispõe de dois capítulos que se dedicam ao estudo das preferências e competências culturais na sociedade brasileira e na sociedade francesa tendo em vista as especificidades de cada contexto.

Fruto do *Simpósio de Pesquisa Pós-Graduada (SPG): Gosto, Hierarquias Simbólicas e Legitimidades Culturais* realizado durante os congressos de 2014 e 2015 da Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais (Anpocs), a presente coletânea consiste em uma importante contribuição para a sociologia do gosto no Brasil, subárea da sociologia da cultura que ainda goza de pouco reconhecimento na cena intelectual e acadêmica brasileira, como evidenciam Monique de Saint-Martin e os organizadores, no prefácio e na introdução desta obra respectivamente. A partir de pesquisas sincrônicas e diacrônicas, valendo-se de metodologias qualitativas, como realização de entrevistas e de grupos focais, e de metodologias quantitativas, como a aplicação de questionários, análise de dados secundários,

além da coleta e análise de uma série de fontes documentais (jornais, revistas, orçamentos, propagandas etc.), os autores apresentam e discutem as mudanças e permanências concernentes às práticas e preferências culturais contemporâneas.

Em “Moderno sob medida: produtores e clientelas do mobiliário paulistano nos anos 1950”, Camila Gui Rosatti mostra como as transformações sociais de meados do século XX – a saber, a metropolização da cidade, o adensamento das instituições culturais e o espírito modernizador que pairava nos ares da capital paulista – forneceram as condições para a institucionalização e profissionalização da arquitetura, inclusive com a criação de cursos universitários desvinculados da engenharia. Este cenário permitiu a reunião de arquitetos comprometidos com a ruptura em relação à moral burguesa e ao seu modo de morar, formando, assim, um polo autônomo. Apesar de suas ambições democratizantes, o mobiliário produzido por este grupo, representado por Lina Bo Bardi e Jacob Rutchi e suas respectivas empresas, era, na verdade, demasiado exclusivo em razão i) das propriedades sociais de seus produtores, em regra estrangeiros e/ou membros das camadas médias em ascensão e com alto volume de capital cultural; ii) da forma e do material de concepção dos móveis, feitos de maneira personalizada, sob encomenda e com materiais nobres, e iii) dos atributos sociais de sua reduzida clientela, pertencentes às mesmas frações sociais dos produtores ou ainda membros da burguesia paulista engajada no projeto modernizador de São Paulo.

Em oposição a este polo autônomo, o polo comercial, encarnado na figura de Zanini Caldas e de sua empresa, era mais inclusivo na medida em que seus produtos eram acessíveis a uma parcela maior da população. Segundo a autora, esta condição correspondia i) à qualificação profissional de seu produtor, desprovido do diploma de arquitetura; ii) ao material e ao modo de produção dos móveis, concebidos de forma seriada e com materiais mais acessíveis e de qualidade inferior, e iii) às propriedades sociais deduzidas de seu público, oriundos de camadas sociais mais baixas, como indicam os anúncios que fazem apelo à possibilidade de parcelamento, à facilidade de limpeza e que ainda apresentam prescrições e sugestões de decoração de ambientes, o que pressupõe a ausência de competência estética por parte de seu público.

Embora a comparação das três empresas seja justificada pelas “divergências explícitas” (p.64) que personificariam as três firmas analisadas (p.70), o trabalho não explora as oposições da

trajetória, da forma de produção e do público dos dois arquitetos pertencentes ao polo autônomo. Ainda assim, a análise comparativa realizada pela autora pôde evidenciar as contradições do movimento modernizador em voga naquele momento, contribuindo, dessa forma, para os estudos sobre as continuidades e tradições presentes nos movimentos disruptivos em outros espaços culturais, bem como para as pesquisas sobre os praticantes legítimos e ilegítimos, “profanos ou sagrados”, de diversas profissões.

Com efeito, não apenas a arquitetura, mas também o teatro foi palco dos entraves da profissionalização e da relação com o mercado, além de ter sido igualmente marcado pelo projeto modernizador da metrópole paulista, como mostram Heloísa Pontes e Rafael do Nascimento em “Cidades, palcos e públicos: Rio de Janeiro e São Paulo em dois atos”. Neste capítulo, os autores apontam que a dramaturgia, ao abordar novos temas considerados ilegítimos segundo os códigos morais da época, trouxe perspectivas inovadoras sobre os papéis desempenhados por homens e mulheres na sociedade, modificando, em parte, as hierarquias simbólicas que a estruturavam. O teatro do início do século XX foi, assim, um ponto de inflexão, por aludir a uma modernidade ainda muito incipiente.

O Rio de Janeiro desse período, centro político e cultural nacional, trouxe, no teatro carioca, as contradições de sua sociedade fazendo dele palco do embate entre mercado e arte: ele era concebido como um negócio pelos empresários, que se empenhavam em difundir o “gosto popular”, e como projeto artístico pela intelectualidade. Já a São Paulo de meados do século XX, que assistia ao processo de expansão demográfica, de metropolização e à criação da Universidade de São Paulo, fez do teatro uma arte institucionalizada. Em correspondência com a cena internacional, atestada pela presença de professores e diretores estrangeiros, o teatro paulistano impulsionou, assim, uma formação artística e ao mesmo tempo acadêmica.

Tendo em vista esses dois contextos, os autores entrelaçam as trajetórias de Chiquinha Gonzaga e de Cacilda Becker à cena artística e teatral de suas épocas e à história das cidades, Rio de Janeiro e São Paulo respectivamente. Chiquinha Gonzaga fizera do teatro uma profissão, filha das elites cariocas e familiarizada com o meio político e cultural dominante do Rio de Janeiro, ela se tornou produtora cultural e conquistou o reconhecimento de seus pares, ainda que sob o preço do

apagamento das marcas de gênero, isto é, de características consideradas femininas. Calcilda Becker, por sua vez, teve uma infância pobre e desprovida de contato com os agentes do meio político e cultural. Ela seria uma mistura de “disciplina, talento, trabalho árduo e amor pela profissão” (p.223) que teria transformado a “experiência de privação” em interpretação. A ausência de formação profissional em ascensão na capital paulista fora compensada, neste caso, pelos diversos trabalhos realizados com grandes diretores no recém fundado Teatro Brasileiro de Comédia.

Vemos, portanto, que assim como Zanini Caldas contornou o reconhecimento conferido pelo diploma trabalhando ao lado de Oscar Niemayer no universo da arquitetura e do design, no meio dramatúrgico paulistano, a ausência do título acadêmico e profissional de Calcilda Becker é compensado pela experiência profissional com os grandes nomes da área, como o do ator e diretor francês Louis Jouvet. Dessa forma, também quem se dedica ao estudo da profissionalização de espaços culturais pode se inspirar no trabalho desses autores que correlacionam trajetórias, inserção profissional e espaço geográfico. Esses trabalhos ainda interessam aos que se debruçam sobre as relações entre o nacional e o estrangeiro na medida em que tornam manifesto o peso das referências internacionais no projeto modernizador do Brasil, além do papel proeminente de figuras estrangeiras na cena artística e cultural, representadas no meio teatral pela contratação de diretores estrangeiros, e na arquitetura pela notoriedade de figuras como Lina Bo Bardi e Jacob Ruchti.

Nessa mesma linha de juízo, o capítulo de Ricardo Teperman sobre a Orquestra Sinfônica de São Paulo (Osesp) na virada do século XXI, “Pode aplaudir que a orquestra é sua: o recrutamento social do quadro de assinantes da Osesp como estratégia de consolidação”, mostra que os integrantes desta instituição buscavam no internacional uma confirmação para a condição cosmopolita da orquestra paulista. Sob o slogan “parece Paris, mas é São Paulo”, o autor constata o classicismo, o pedantismo e o esforço de concepção de uma imagem internacional da orquestra brasileira. A categoria “internacional”, usada como mantra nos anos 1990, se valia também do imaginário internacional já conhecido sobre o Brasil, simbolizado pelo samba, pelo futebol e pela natureza, ao mesmo tempo em que buscava consolidar uma nova imagem de um Brasil economicamente forte, democrático e talentoso no âmbito da

música sinfônica. Ademais, como nos espaços culturais retratados anteriormente, a tensão entre exclusividade e democratização também é fundante no projeto da Osesp: por um lado, ela buscava aderir ao espírito democratizante do projeto modernizador brasileiro; por outro, ela se empenhava para conquistar um lugar de prestígio na cena musical, em concorrência com a Sociedade de Cultura Artística, pois sem a chancela dos grupos sociais distintivos e dos especialistas sua continuidade seria ameaçada.

Numa abordagem mais geral e fundada sobretudo em análises quantitativas sobre as preferências culturais e as posições sociais dos indivíduos, o capítulo “Consumo cultural e manutenção das distâncias sociais no Brasil”, de Edison Bertoncelo, e o capítulo “Sobre a transformação do sistema de gostos na França”, de Julien Duval, reafirmam a pertinência e adequação da teoria das homologias estruturais, concebida por Pierre Bourdieu¹, no tempo presente, ainda que possamos observar uma ampliação dos gostos e práticas das elites. Os autores mostram que a abertura a novos bens culturais considerados legítimos ou moderadamente legítimos e seus modos de apreciação não implica, todavia, o desaparecimento das desigualdades sociais subjacentes aos gostos e práticas culturais. Com base nos resultados de um *survey* aplicado a 2,4 mil pessoas no Brasil, Bertoncelo nota que o ecletismo cultural tem uma curta distância, ou seja, a apropriação de bens culturais que ocupam polos opostos na escala de consagração cultural é muito rara. Ademais, o autor percebeu que quanto maior o volume de capitais econômico e cultural, mais competentes serão os agentes na expressão de suas preferências e na escolha por uma variedade de bens que inclua aqueles mais raros e legítimos. Embora enfatize muito mais a “manutenção dos mecanismos de reprodução social” (p.231), a pesquisa também revela uma ampliação, mas não a transgressão da hierarquia do gosto e das práticas culturais.

Esta também é a conclusão de Julien Duval, que analisou as práticas culturais dos franceses a partir de uma pesquisa realizada pelo Ministério da Cultura da França. Se os bens culturais legítimos seriam aqueles consagrados pela crítica especializada e pela academia e os bens aclamados pelo grande

¹ Ver BOURDIEU, Pierre. “Gosto de classe e estilos de vida”. In: ORTIZ, Renato (org.). *Pierre Bourdieu - Sociologia*. São Paulo, Ática, 1983, pp.82-121.

público e dotados de consagração midiática seriam menos legítimos, o autor mostra que esses dois tipos de consagração, a acadêmica e a midiática, não necessariamente se excluem. Daí a noção de “cultura compartilhada”, pois os membros das classes altas conhecem celebridades contemporâneas e midiáticas e os membros das camadas sociais baixas e médias conhecem clássicos consagrados academicamente (principalmente os que são ensinados na escola). Contudo, a estratificação do gosto segundo a posição no espaço social se mantém, pois as categorias superiores ainda apresentam mais referências de artistas e autores dotados de consagração acadêmica ao passo que as categorias mais baixas conhecem mais e melhor aqueles dotados de consagração midiática. Trata-se, portanto, de uma estrutura piramidal, segundo a qual os que conhecem as figuras mais raras conhecem também as mais cotidianas. Ou seja, mesmo com uma redefinição parcial da cultura legítima, isto é, a ampliação dos bens, práticas culturais e gostos abrangidos pelas classes dominantes, a oposição entre o “consumo distinto” e um “consumo socialmente vulgar” permanece.

Neste capítulo, Julien Duval apresenta ainda uma importante mudança de paradigma em relação ao momento em que Bourdieu escreveu a célebre *A Distinção* (1979 [2008]), se antes o peso da política tinha um grande efeito nas disposições e práticas dos agentes, hoje vemos a economia cumprir com mais eficácia este papel. Nas últimas décadas, assistimos à promoção de políticas neoliberais provocando uma concentração econômica que se sobrepôs aos espaços culturais e ocasionou a abertura da cultura considerada legítima aos bens tidos como “vulgares”, até então estrangeiros às concepções de “bom gosto” ou de “gosto intelectual”. Segundo o autor, este fenômeno de maior influência da economia sobre a cultura pode ser observado no próprio sistema de ensino francês, com a redução dos cursos literários em prol dos cursos técnicos, científicos, profissionalizantes e “conectados com as realidades econômicas” e com o “mundo empresarial” (p.305). Tal movimento de ascensão de princípios econômicos na cena educacional ganha força com a democratização do acesso ao ensino superior, que passa a receber estudantes de origens sociais mais amplas e que visam o ingresso imediato no mercado de trabalho; além disso, a fração econômica das classes altas também se tornou mais diplomada ao longo do tempo, o que contribuiu para diminuir a distância simbólica entre ela e a fração cultural desta mesma classe.

Como buscamos evidenciar, o grande guarda-chuva do livro abriga pesquisas produzidas no âmbito da sociologia do gosto, mas suas contribuições ultrapassam as fronteiras desta área específica, seja pela variedade de fontes e de metodologias utilizadas pelos autores, seja ainda pela capacidade de mobilização e atualização de teorias clássicas tendo em vista a realidade empírica e histórica dos objetos estudados. Sendo assim, as discussões e temáticas trabalhadas pelos autores contribuem, sem dúvida, para o desenvolvimento da sociologia do gosto, mas igualmente para realização de pesquisas nas ciências sociais em geral, principalmente aquelas que abordam os impasses entre distinção e democratização², bem como entre tradição e modernização; a relação entre trajetórias, cidades e inserção profissional; a profissionalização de espaços culturais; a relação entre nacional e o estrangeiro, os constrangimentos econômicos nos universos culturais, entre outros.

Referências Bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre. 2008. *A distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Zouk.
- BOURDIEU, Pierre. 1983. “Gosto de classe e estilos de vida”. In: ORTIZ, Renato (org.). *Pierre Bourdieu - Sociologia*. São Paulo: Ática, p. 82-121.
- JOHNSTON, José; BAUMANN, Shyon. 2017. “Democracy versus Distinction: A Study of Omnivorousness in Gourmet Food Writing”. *American Journal of Sociology* (113): 165-204.

Enviado: 07/11/2022

Aceito: 06/12/2022

² Um estudo contemporâneo emblemático que trabalha empiricamente esta tensão no meio gastronômico estadunidense e que igualmente refuta a tese do onivorismo cultural é o de JOHNSTON e BAUMANN (2017).